

ELISÂNGELA MONTEIRO DA SILVA

Um Olhar atento para o Talento

2019

Sumário

AGRADECIMENTOS	9
PREFÁCIO	10
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	33
1.1 A Trajetória da Educação Especial	33
1.2 A Educação Especial no Brasil	53
1.3 Conceito de práxis pedagógica	56
1.4 Os professores e sua formação profissional	64
1.5 Conceituando Altas Habilidades e Superdotação e as Características do aluno com AH/SD	66
1.5.1 – Altas Habilidades – Definições de Zenita Guenther	76
1.5.2 – Joseph Renzulli e a Superdotação..	79
1.5.3 – A Superdotação para Howard Gardner	86
1.5.4 – As Definições de Robert Sternberg	93
1.5.5 – Outros autores	96
1.6 Identificando e estimulando alunos com Altas Habilidades e Superdotação	106
1.6.1. Intensidade	123
1.6.2. Sensibilidade	124
1.6.3. Desenvolvimento Moral	125

1.6.4. Complexidade	126
1.6.5. Profundidade	126
1.6.6. Assincronia	127
1.6.7. Perfeccionismo	128
1.6.8. Memória	129
1.6.9. Amplitude de Focos.....	129
1.6.10. Curiosidade e Anseio por Novidade	130
1.6.11. Desafio de Regras e Autoridade	131
1.6.12. Energia.....	131
1.6.13. Velocidade de Escrita e Pensamento	132
1.6.14. Somatização	133
1.6.15. Alergias.....	133
1.6.16. Introversão	134
1.6.17. Dimensão Emocional/Vulnerabilidade	135
1.7 Diferença entre alunos com Superdotação e com Inteligência Superior.....	136
1.8 Atendimento, encaminhamento e dificuldades de crianças com Altas Habilidades – Inteligência Superior.	139
1.9 Problemas enfrentados por alunos com AH/SD/ Desenvolvimento da criatividade	147
1.10- O Autoconceito e o aluno com AH/SD - Portifólio	156

CAPÍTULO II	162
2.1 O Local do Estudo	162
2.2 Tipo de Pesquisa	182
CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	189
3.1 Observações feitas em algumas aulas do PH	230
3.2 A Subjetividade do Aluno PH.....	239
COINCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES.....	252
REFERÊNCIAS	255



AGRADECIMENTOS

À minha mãe por ser uma referência em minha vida , à meu pai Elianger (in memorian) e irmão Emerson (in memorian) por fazerem parte de toda minha vida e à José Lucas que foi suporte nos estudos e na vida;

Ao meu orientador Prof. Dr. Roberto Wagner Scherr Campos pelo apoio na trajetória da pesquisa;

Aos amigos Wanderley, Nívea e Salvador pela nossa amizade, companheirismo e convívio acadêmico ;

À P.H. , sua mãe e todos os sujeitos pelo envolvimento e participação efetiva para a realização desta pesquisa;

À minha co-orientadora Prof. Ms. Andréa Christina Silva Panaro Caldas pelas suas contribuições acadêmicas;

A todos que dedicaram tempo e atenção direta ou indiretamente para o meu crescimento intelectual e pessoal.

PREFÁCIO

Recebi com enorme prazer o convite para escrever o prefácio da obra da professora Elisângela Monteiro. Fui testemunha da sua perseverança e empenho para trazer à tona esse tema tão importante, e denunciar o grave desconhecimento da escola e da população de modo geral, para reconhecer crianças e adolescentes com altas habilidades, superdotação ou inteligência superior.

A professora Elisângela Monteiro fala com propriedade de alguém, não só com conhecimento teórico, mas que conhece de perto as dificuldades dos professores em detectar e consequentemente “trabalhar” esses alunos.

A autora traz a fragilidade da escola e ao mesmo tempo a angústia da família em relação ao filho que não se adapta muitas vezes, às exigências comuns da escola.

A presente pesquisa parte do estudo de caso de um aluno de escola pública que apresenta inteligência superior. Na verdade, a autora inicia seu interesse no

Mestrado e percorre caminhos mais profundos para compreender a real situação desses alunos e seus professores, e com isso nos brinda com essa obra que se configura um manancial de aprendizado e propostas de reflexão sobre o cenário atual da inclusão educacional.

Embora o Ministério da Educação e Cultura (MEC) traga a proposta de atendimento educacional especializado para alunos com altas habilidades/superdotação, proporcionando aos professores, formação e capacitação para identificar esses alunos, o que ainda se vê é um total descompasso entre esses atores.

Haja visto o caso de P.H., que por ser incompreendido em sua inteligência foi submetido a atividades que o extenuavam, além de fazer com que ficasse desinteressado pela escola.

Por outro lado, pode-se perceber com clareza as suas habilidades quando foi dada a ele a oportunidade de participar da Sala de Recursos Multifuncionais, onde as tarefas são adequadas às necessidades do aluno.

Embora esse assunto seja discutido em outras obras, ressaltamos a relevância do trabalho da professora Elisângela Monteiro por trazer à tona, por um lado a dificuldade dos professores e por outro, a angústia da família que não encontra o acolhimento necessário para seu filho.

Além disso, a presente obra reforça sobremaneira a necessidade da qualificação dos professores e da instrumentalização da escola para receber essas mentes brilhantes.

Por tudo isso, recomendo com entusiasmo a leitura do excelente trabalho da professora Elisângela Monteiro.

Ana Lúcia Rodrigues de Barros

Psicóloga pela Universidade Gama Filho

Mestre em Cognição e Linguagem pela UENF

INTRODUÇÃO

Esta obra buscou relatar o desenvolvimento cognitivo e emocional de um aluno do 8º ano da Escola Municipal Sarah Faria Braz, da cidade de Santo Antônio de Pádua – RJ, considerado um aluno com altas habilidades e inteligência superior, desde a sua infância, além de descrever sua vida escolar e o processo de enriquecimento curricular.

Ao longo dos anos, os estudos sobre alunos com AH/SD vem despertando curiosidade e fascínio, mas os estudos sobre este tema ainda são escassos, pois além da dificuldade em identificar estes alunos, muitas vezes eles são vistos apenas como ótimos alunos, não havendo oportunidades para que suas potencialidades sejam desenvolvidas.

Aproximadamente 3% a 5% da população brasileira apresenta capacidade acima da média, em diversas áreas de conhecimento, mas diferentes de outros países, ainda há espanto e curiosidade diante

de crianças e adolescentes que recebem diagnóstico de AH/SD.¹

Em pesquisa anterior desenvolvida, foi possível observar que os professores, em sua maioria, demonstraram insegurança para atuar com pessoas com AH/SD, pois se sentiam despreparados para atuar com as necessidades especiais, dificultando a realização de propostas curriculares inclusivas.

“A educação do superdotado continua a encontrar fortes resistências por parte de diretores de escola, professores e autoridades, que não se vêem sensibilizadas para as necessidades deste grupo de alunos, [...] os preconceitos e ideias errôneas continuam presentes, pouquíssimos recursos públicos são canalizados para a área e a

¹ BARRETO, C. M. P. F.; METTRAU, M. B. Altas habilidades: uma questão escolar. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v.17, n.3, p.413-26, 2011.

ANJOS, I.R.S. Dotação e talento: concepções reveladas em dissertações e teses no Brasil. 2011. Tese (Doutorado em Educação) –Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

GUENTHER, Z. C. Desenvolver capacidades e talentos: um conceito de inclusão. Petrópolis: Vozes, 2006b.

universidade brasileira ainda não despertou para a necessidade de incluir também nos cursos de licenciatura e de formação de professores disciplinas relativas ao superdotado.”²

Assim, muitos destes alunos ao aprenderem com rapidez, quererem conhecer os conteúdos das disciplinas de forma mais aprofundada, e se destacarem em sua produção tanto criativa quanto intelectual, são muitas vezes, rejeitados pelos docentes da escola em que estudam, pelos colegas e até chegam a ser punidos por manifestarem ideias adiantadas em relação ao conteúdo formal. (Alencar, 1993, p. 88). Por causa do desconhecimento sobre o assunto, muitos destes alunos sofrem preconceitos e acabam por não receber apoio para seu desenvolvimento.

Quando uma criança superdotada percebe alguma coisa ou situação que os outros não notaram e ousa apontá-la, ela denota não apenas compreensão, mas também coragem de falar sobre algo novo, consciência

² ALENCAR, E. M. L. S. Perspectivas e desafios da educação do superdotado. Revista Em Aberto, Brasília, ano 13, n. 60, p. 77-92, out./dez. 1993

de sua capacidade de percepção, bem como interesse e desejo de envolvimento com o assunto. No entanto ela somente adotará esse comportamento se o meio circundante a incitar para a aquisição de conhecimentos e permitir-lhe a manifestação das próprias ideias³.

A “meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe”.⁴

Durante algum tempo a condição de se ter altas habilidades/superdotação foi cercada de mitos, pois eram essas pessoas eram consideradas como aquelas que não precisavam de ajuda e tinham respostas para todas as dúvidas.

Historicamente, diferentes culturas em diferentes épocas criaram concepções sobre o potencial humano, propondo estratégias que pudessem aproveitar o potencial e o talento daqueles que eram considerados com altas habilidades.

³ LANDAU, E. A coragem de ser superdotado. Tradução de Sandra Miessa. São Paulo: CERED, 1990.

⁴ PIAGET, J. *Psicologia e Pedagogia.*, Rio de Janeiro: José Olympio.. 1970

As pesquisas mostram que os conceitos relacionados a altas habilidades/superdotação eram descritos desde a Grécia Antiga. De acordo com Tannenbaun *apud* Gama (2006), na Academia de Platão as crianças que apresentassem maior desempenho físico e maior inteligência eram selecionadas para serem os professores da Academia.

Para Platão, as pessoas deveriam ser treinadas para maximizar suas potencialidades, insistindo que os jovens que possuíam habilidades mentais superiores deveriam ser afastados dos que tinham habilidades medianas e deveriam participar de programas educacionais especiais. Aos que realmente se destacassem deveriam ter oportunidades para serem futuros líderes⁵.

No Renascimento, grandes talentos, como Leonardo Da Vinci e Michelangelo, podiam ser observados, foram desenvolvidos vários modelos teóricos para o desenvolvimento dos superdotados.

⁵ GAMA, M. C. S. S. Educação de superdotado: teoria e prática. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 2006.

De acordo com Telford (1984, p. 217), no século XIX surgiram diversos estudos sobre inteligência, como o de Francis Galton (1885), na Inglaterra, que realizou pesquisas na área da genética e hereditariedade. Para Galton, “o dom da capacidade elevada e dividiu-o em dois tipos de capacidades: capacidade geral e aptidões especiais.” (GALTON *apud* TELFORD, 1984). Essas teorias iriam influenciar os movimentos que desenvolveram, mais tarde, os testes de QI.

No entanto, foi somente no século XX que foi desenvolvido o primeiro teste de inteligência. Este teste foi criado por Alfred Binet, na França, em 1905, e tinha como finalidade “verificar o progresso de crianças deficientes do ponto de vista intelectual”⁶. Mais tarde, nos Estados Unidos, estes métodos foram aperfeiçoados por Louis Terman e fez a primeira pesquisa com alunos superdotados. Acreditava-se que aquele que apresentasse um QI acima de 160 tinha desenvolvimento intelectual

⁶ GARDNER, H. Inteligências múltiplas: um conceito reformulado. São Paulo: Objetiva, 2000.

avançado e “poderia ser utilizado para o desenvolvimento das ciências e o avanço tecnológico, intensificando o ensino de ciências para as pessoas que apresentassem características de superdotação”.⁷

Marland, em 1972, “definiu crianças superdotadas ou com altas habilidades como aquelas com evidente capacidade ou potencial nas seguintes áreas:”

- Habilidade intelectual geral;
- Aptidão acadêmica específica;
- Pensamento criativo ou produtivo;
- Liderança;
- Artes visuais ou cênicas;
- Habilidades psicomotoras.

Alguns anos mais tarde, as habilidades psicomotoras foram retiradas e a partir desse novo método, novas discussões foram iniciadas.

No Brasil, as propostas de se ter um atendimento diferenciado para alunos considerados

⁷ GAMA, M. C. S. S. Educação de superdotado: teoria e prática. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 2006.

com altas habilidades/superdotação, se iniciaram no século XIX, mas os estudos só iriam ser incrementados a partir da publicação, em 1931, do livro *A Educação dos Supernormais*, de Leoni Kaseff e da vinda para o Brasil da psicóloga russa Helena Antipoff, dois anos antes.

Em 1967, o Ministério de Educação e Cultura (MEC) deu início ao atendimento aos alunos superdotados, “organizando uma comissão que deveria estabelecer critérios de identificação e atendimento da demanda de alunos com habilidades e talentos superiores”.⁸

Em 1971 foi realizado o primeiro seminário sobre superdotado no Brasil. Na ocasião estiveram presentes educadores de renome da época como a russa Helena Antipoff.

⁸ PÉREZ, S. G. P. B. O aluno com altas habilidades/superdotação: uma criança que não é o que deve ser ou é o que não deve ser? In: STOBÁUS, C. D.; MOSQUERA, J. J. (Orgs.). Educação especial: em direção à educação inclusiva. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 237-250.

[...] somente em 1971 é que o ministério de Educação e Cultura nos convocou para um seminário sobre superdotados, em Brasília. Houve relatórios muito interessantes e debates ricos em ensinamentos. Não houve contudo nenhuma ação a seguir. (ANTIPOFF, 1992,p.50)

Mas, somente 6 anos mais tarde, em 1978, no Rio de Janeiro, que aconteceria o segundo Seminário sobre superdotados.

Ao longo dos anos, foram criados vários institutos e associações, em cidades pelo Brasil, com objetivo de desenvolver habilidades e talentos de crianças e adolescentes com habilidades acima da média, como o ISMART (Instituto Social Maria Telles- 1999) no Rio de Janeiro, a ASPAT (Associação de Pais e Amigos para Apoio ao Talento- 1993) em Lavras-MG, a AGAAHSD (Associação Gaúcha de apoio às altas habilidades/superdotação - 1981) em Porto Alegre-RS e a ABAHSD (Associação Brasileira para Altas Habilidades/Superdotados- 1991), no Espírito Santo.

No entanto, de acordo com Guenther (2000 *apud* Gama, 2006), “o que se verifica é uma quase total ausência dos sistemas públicos no que diz

respeito à atenção educacional aos alunos mais capazes e talentosos.”

Ao se falar em ‘crianças bem-dotadas e talentosas’ não estamos falando em um grupo único, parecido, homogêneo e facilmente reconhecível em qualquer situação. Ao contrário, como todas as pessoas que existem, cada criança traz em si uma combinação essencial e substancialmente única de traços, características e atributos, oriundos não somente de sua própria constituição e plano genético, como também, derivados e absorvidos de muitas fontes de influência presentes no ambiente a que é exposta, dentro dos vários grupos a que pertence.⁹

De acordo com Teresinha Fran, presidente da ABSD - SP há no Brasil uma grande perda de potencial humano por causa da falta de recursos e investimentos para atender os superdotados.

Aproveitar o potencial humano, seja no terreno das aptidões, seja na melhor distribuição de renda ou justiça social, seria uma tarefa imensamente mais produtiva e mais frutífera a ser colocada como alvo prioritário, possivelmente mais útil do que a tentativa de

⁹ GUENTHER, Z. C. Desenvolver capacidades e talentos: um conceito de inclusão. Petrópolis: Vozes, 2000

remediar situações já marcadas por problemas de custo social muito elevado.¹⁰

A partir de 1995, no Brasil, foram criadas, pela Secretaria de Educação Especial do MEC, as Diretrizes Gerais para o Atendimento Educacional aos Alunos Portadores de Altas Habilidades/ Superdotação e Talento.

Altas habilidades referem-se aos comportamentos observados e/ou relatados que confirmam a expressão de 'traços consistentemente superiores' em relação a uma média (por exemplo: idade, produção ou série escolar) em qualquer campo do saber ou do fazer. Deve-se entender por 'traços' as formas consistentes, ou seja, aquelas que permanecem com frequência e duração no repertório dos comportamentos da pessoa, de forma a poderem ser registradas em épocas diferentes e situações semelhantes.¹¹

¹⁰ FRAN, TEREZINHA *Em busca da equidade no mundo contemporâneo*. Centro de Estudos Filosóficos. Palas Athena: Filosofia em ação. 16ª Semana Gandhi. 1997

¹¹ BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Diretrizes gerais para o atendimento educacional dos alunos portadores de altas habilidades/superdotação e talentos. Brasília: MEC/SEESP, 1995a

Este documento também definiria seis tipos diferentes de superdotação: intelectual, social, acadêmico, criativo, psicomotricinestésico e talentos especiais.

O tipo intelectual está presente naqueles indivíduos que mostram: flexibilidade, independência e fluência de pensamento, produção intelectual, julgamento crítico e habilidade para resolver problemas. No tipo social, as características que se manifestam são: capacidade de liderança, sensibilidade interpessoal, atitude cooperativa, sociabilidade expressiva, poder de persuasão e influência no grupo. Já o tipo acadêmico privilegia áreas como a capacidade de atenção, concentração, memória, interesse e motivação pelas tarefas acadêmicas e capacidade de produção. O outro tipo de talento, o psicomotricinestésico, salienta-se naqueles indivíduos que apresentam habilidades e interesses por atividades físicas e psicomotoras, agilidade, força e resistência, controle e coordenação motoras. O talento criativo está presente nas pessoas capazes de solucionar problemas seguindo diferentes caminhos (não usuais), ainda são inovadoras e originais. Por último, os talentos especiais, englobam as artes plásticas, musicais, literárias e dramáticas, revelando, nesses indivíduos, capacidade especial e alto desempenho em tais atividades. (BRASIL, 1995)

Em 2001, a Secretaria de Educação Especial (SEESP) do Mec, resolveu simplificar o conceito de superdotação de 1995, que era baseado na teoria de Renzulli. Este conceito é utilizado até os dias atuais.

Altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os levem a dominar rapidamente os conceitos, os procedimentos e as atitudes e que, por terem condições de aprofundar e enriquecer esses conteúdos, devem receber desafios suplementares em classe comum, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelo sistema de ensino, inclusive para concluir, em menor tempo, a série ou etapa escolar.¹²

Ao longo dos anos, muitos pesquisadores têm conceituado a superdotação e as altas habilidades. No Brasil, são utilizadas as concepções de Robert J. Sternberg, psicólogo da Universidade de Yale, e Howard Gardner, neuropsicólogo da Universidade de Harvard, construtivista e influenciado por Piaget, pesquisadores que são referencia não só no Brasil, mas no mundo.

Sternberg dividiu as inteligências da seguinte maneira:¹³

¹² BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

¹³ ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S. Superdotados: determinantes, educação e ajustamento. 2. ed. São Paulo: EPU, 2001

- a) inteligência analítica – envolve um direcionamento consciente dos processos mentais para analisar e avaliar ideias, resolver problemas e tomar decisões;
- b) inteligência criativa – é a habilidade de ir além das ideias já conhecidas para gerar novas e interessantes ideias;
- c) inteligência prática – diz respeito à habilidade de traduzir teoria em prática e ideias abstratas em realizações práticas.

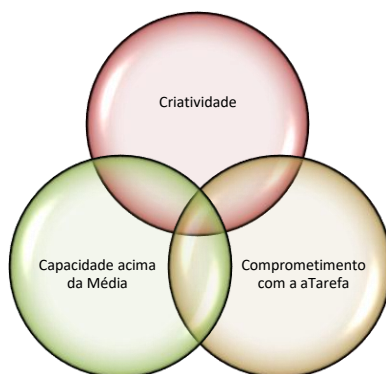
Assim, a superdotação pode ter muitas formas, mas a mais importante é a prática, pois ajuda da adaptação ao mundo cotidiano.¹⁴

Mas, para Joseph S. Renzulli, professor de psicologia da Universidade de Connecticut, a escola

¹⁴ STERNBERG, R. Inteligência para o sucesso pessoal: como a inteligência prática e criativa determina o sucesso. Rio de Janeiro: Campus, 2000

deve identificar alunos com altas habilidades além dos testes de QI. Para este autor, a superdotação acontece quando a criança ou adolescente tiver alta criatividade comprometido com a tarefa e habilidade acima da média. Para isso, ele desenvolveu a Concepção de Superdotação dos Três Anéis, conforme gráfico abaixo. Assim para este autor, o superdotado pode ser representado pela interseção dos três anéis.

Figura 1 – Representação do superdotado



Fonte: Adaptação de Renzulli (1998)